

CHRISTINA BAKER KLINE

*O COMBOIO
DOS ÓRFÃOS*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

RAQUEL DUTRA LOPES

ASA

*A Christina Looper Baker,
que me passou o fio; e a
Carole Robertson Kline,
que me deu o pano.*

«Para fazerem a travessia terrestre de um rio para outro, os índios Wabanaki tinham de carregar as canoas e todos os pertences. Toda a tribo estava ciente da importância de viajar com poucos objetos e compreendia que era necessário abrir mão de algumas coisas. Nada tolhia mais o movimento do que o medo, que era, não raro, o fardo mais difícil de abandonar.»

BUNNY MCBRIDE, *Women of the Dawn*

PRÓLOGO

Acredito em fantasmas. São eles que nos atormentam, os que nos deixaram. Muitas vezes, ao longo da vida, senti-os à minha volta, a observarem, a testemunharem, quando ninguém no mundo dos vivos sabia ou queria saber o que acontecia.

Tenho noventa e um anos e quase toda a gente que em tempos fez parte da minha vida é agora um fantasma.

Por vezes, estes espíritos têm-me parecido mais reais do que pessoas, mais reais do que Deus. Ocupam o silêncio com o seu peso, denso e quente, como massa de pão a crescer sob um pano. A avó, com os seus olhos bondosos e pele polvilhada com talco. O meu pai, sóbrio, a rir. A minha mãe, a cantarolar uma melodia. A amargura, o álcool e a depressão são extirpadas destas encarnações fantasmagóricas, que me consolam e protegem na morte como nunca o fizeram em vida.

Cheguei à conclusão de que será isso o Céu – um lugar na memória dos outros onde o que temos de melhor continua a viver.

Talvez eu seja afortunada – por, aos nove anos, me terem sido dados os fantasmas do que os meus pais tinham de melhor e, aos vinte e três, o fantasma do que o meu verdadeiro amor tinha de melhor. E a minha irmã Maisie, sempre presente, um anjo junto ao meu ombro. Dezoito meses quando eu tinha nove anos, treze anos quando eu tinha vinte. Agora tem oitenta e quatro, quando eu tenho noventa e um, e continua a acompanhar-me.

Talvez não sirvam de substituto para os vivos, mas não me foi oferecida escolha. Restava-me consolar-me com a presença deles, ou deixar-me abater sobre mim mesma, lamentando o que perdera.

Os fantasmas sussurravam-me, diziam-me que não desistisse.

SPRUCE HARBOR, MAINE, 2011

Através da parede do quarto, Molly ouve os pais da família de acolhimento a falarem de si na sala, mesmo em frente à sua porta.

– Não foi isto que acordámos – está Dina a dizer. – Se eu soubesse que ela tinha tantos problemas, nunca teria dado o meu aval.

– Eu sei, eu sei.

A voz de Ralph reflete o seu cansaço. Molly sabe que era ele quem queria ser pai de acolhimento. Muitos anos antes, quando era um «adolescente complicado», como lhe disse sem entrar em grandes pormenores, uma assistente social da escola tinha-o inscrito no programa Big Brother¹ e ele sempre sentira que o seu mentor, como lhe chamava, o ajudara a manter-se na linha. No entanto, Dina desconfiava de Molly

¹ A Big Brothers Big Sisters é uma organização internacional sem fins lucrativos que, através da atribuição de mentores voluntários, se propõe a acompanhar crianças e jovens para que realizem os seus objetivos. (*N. da T.*)

desde o início. O facto de, antes de Molly, terem acolhido um rapaz que tinha tentado incendiar a escola primária era algo que não contribuía para a tranquilizar.

– Já tenho stresse que chegue no trabalho – diz Dina, com a voz a elevar-se. – Não preciso de chegar a casa e dar de cara com esta merda.

Dina atende o público na esquadra de polícia de Spruce Harbor e, na opinião de Molly, não lida com muito que seja motivo de stresse – uns quantos condutores alcoolizados, um ou outro olho negro, pequenos furtos e acidentes. Se se vai receber queixas numa esquadra, Spruce Harbor deve ser o sítio menos stressante possível de imaginar no mundo inteiro. Mas Dina é tensa por natureza. As coisas mais insignificantes afetam-na. É como se assumisse que tudo vai correr bem e, quando isso não acontece – o que, claro, é bastante frequente – ficasse surpreendida e afrontada.

Já Molly é o oposto. Houve tanta coisa a correr mal ao longo dos seus dezassete anos que é isso que ela espera. Quando algo realmente corre bem, ela nem sabe o que pensar.

E o mesmo aconteceu com Jack. Quando Molly foi transferida para a Escola Secundária de Mount Desert Island, no ano anterior, para frequentar o décimo ano, a maioria dos miúdos parecia fazer tudo o que podia para a evitar. Todos tinham os seus amigos, os seus grupos, e ela não se integrava em nenhum deles. É verdade que também não facilitou as coisas; a experiência ensinou-lhe que ser forte e esquisita é preferível a ser patética e vulnerável, pelo que usa a sua fachada de gótica como se de uma armadura se tratasse. Jack foi o único a tentar transpor essa barreira.

Foi em meados de outubro, numa aula de estudos sociais. Quando chegou a altura de formarem equipas para um projeto,

Molly, como de costume, ficou de fora. Jack convidou-a a juntar-se a si e à sua colega Jody, a qual, notoriamente, não ficou propriamente encantada. Durante os cinquenta minutos da aula, Molly comportou-se como um gato eriçado. Por que estaria ele a ser tão simpático? O que queria de si? Seria um daqueles tipos que se divertem a gozar com a rapariga esquisita? Qualquer que fosse o fito dele, ela não ia ceder nem um centímetro. Manteve-se afastada, de braços cruzados, ombros descaídos, o cabelo escuro a esconder-lhe os olhos. Encolhia os ombros e resmungava quando Jack lhe fazia perguntas, embora acompanhasse o trabalho e fizesse a parte que lhe competia.

– Aquela miúda é muita estranha – ouviu Jody a murmurar enquanto saíam da sala depois do toque. – Até me assusta.

Quando Molly se virou e apanhou Jack a olhar para si, este surpreendeu-a com um sorriso.

– Eu cá acho que ela é espetacular – disse ele, sem desviar o olhar. Pela primeira vez desde que tinha ido para aquela escola, Molly não conseguiu conter-se; correspondeu ao sorriso.

Ao longo dos meses seguintes, foi recolhendo fragmentos da história de Jack. O pai era um trabalhador sazonal da República Dominicana, que tinha conhecido a mãe dele durante a apanha de mirtilos em Cherryfield; depois de a engravidar, tinha regressado ao seu país, onde juntara os trapinhos com uma rapariga de lá, para nunca mais voltar. A mãe, que nunca casou, trabalha para uma senhora rica e idosa numa mansão na costa. Seria de esperar que Jack também vivesse à margem da sociedade, mas não vive. Tem alguns atributos importantes que funcionam a seu favor: jogadas espantosas no campo de futebol, um sorriso estonteante, olhos grandes

como os de uma vaca e umas pestanas ridículas. E, ainda que ele se recuse a tomar-se muito a sério, Molly percebe que é mais inteligente do que admite, talvez até mais do que julga.

Molly não podia estar menos interessada nas proezas de Jack no campo de futebol, mas inteligência é uma coisa que ela respeita. (Os olhos de vaca são um bônus.) A sua própria curiosidade é o que a tem impedido de descarrilar. Ser gótica elimina qualquer expectativa de aderir a convenções, pelo que Molly se apercebe de que pode ter vários comportamentos estranhos em simultâneo. Passa a vida a ler – nos corredores, na cantina –, sobretudo romances com protagonistas cheios de angústia existencial: *As Virgens Suicidas*, *À Espera no Centeio*, *A Campânula de Vidro*. Copia palavras novas para um caderno quando o som lhe agrada: *Harpia*. *Pusilânime*. *Vetusta*. *Debilitante*. *Sicofanta*...

Como recém-chegada, Molly gostava da distância que a sua fachada criava, do receio e da desconfiança que via nos olhos dos seus pares. Mas, ainda que deteste admiti-lo, ultimamente essa fachada tem começado a parecer-lhe limitativa. Demora séculos todas as manhãs a obter aquela aparência; e rituais que dantes estavam carregados de significado – pintar o cabelo de preto com madeixas roxas ou brancas, delinear os olhos com *kohl*, aplicar base vários tons abaixo do da sua pele, ajustar e apertar peças de roupa desconfortável – agora deixam-na impaciente. Sente-se como um palhaço de circo que acorda certa manhã e já não quer pôr o nariz de borracha vermelha. A maior parte das pessoas não tem de se esforçar tanto para manter a personalidade. Por que haveria ela de o fazer? Entrega-se a fantasias acerca do próximo lugar para onde irá – pois há sempre um lugar a seguir, outra casa de

acolhimento, uma escola nova –, imaginando que recomeçará com um estilo novo, de manutenção mais fácil. *Grunge?* Ninfo-maniaca?

A probabilidade de que isto aconteça aumenta a cada minuto que passa. Já há algum tempo que Dina quer livrar-se de Molly, e agora tem uma justificação válida. Ralph empenhou a sua credibilidade no comportamento da adolescente; esforçou-se muito por persuadir a mulher de que havia uma menina doce escondida por baixo do cabelo e da maquilhagem agressivos. Bem, a credibilidade de Ralph já foi pelos ares.

Molly põe-se de gatas e levanta o rodapé da cama, preso por ilhós. Puxa dois sacos de desporto de cores garridas, os que Ralph lhe comprou em saldo no *outlet* da L.L. Bean, em Ellsworth (o vermelho tem o nome «Braden» bordado e o cor de laranja com flores havaianas, «Ashley»). Molly não sabe se terão sido rejeitados por causa da cor, do estilo, ou simplesmente pela palermice de terem aqueles nomes bordados a branco). Quando abre a gaveta de cima da cómoda, umas batidas de percussão sob a sua colcha dão lugar a uma versão quase enlatada da música «Impacto» de Daddy Yankee. «Assim vais saber que sou eu e atender a porcaria do telemóvel», disse Jack quando lhe comprou o toque.

– *Hola, mi amigo* – diz-lhe quando finalmente encontra o telemóvel.

– Ei, que se passa, *chica*?

– Oh, sabes como é. A Dina não está lá muito contente.

– Ai é?

– Pois. A coisa está feia.

– Muito feia?

– Bem, acho que me vão pôr a andar.

Sente a respiração presa na garganta, o que a surpreende, tendo em conta a quantidade de vezes que já passou por uma versão disto.

– *Nã* – diz ele. – Não me parece.

– Pois – insiste ela, já a tirar um monte de meias e roupa interior, que enfia no saco de Braden. – Estou a ouvi-los lá fora a falar disso.

– Mas o que precisas é de fazer aquelas horas de serviço comunitário.

– Isso não vai acontecer. – Agarra no seu colar de pendent, emaranhado em cima da cómoda, e passa o fio de ouro entre os dedos, a ver se desfaz o nó. – A Dina diz que ninguém vai aceitar-me. Que não sou de confiança. – O nó desfaz-se sob o seu polegar e ela separa os fios. – Não faz mal. Ouvi dizer que o reformatório não é assim tão mau. Também vão só ser uns meses.

– Mas... tu não roubaste aquele livro.

Com o telemóvel entre o ombro e a orelha, ela põe o colar, debate-se um pouco com o fecho e olha para o espelho por cima da cómoda. Tem maquilhagem preta esborratada por baixo dos olhos: parece um jogador de futebol americano.

– Pois não, Molly?

O que se passa é que... de facto ela roubou-o. Ou melhor, tentou. Trata-se do seu romance preferido, *A Paixão de Jane Eyre*, e ela queria tê-lo, que fosse seu. A Sherman's Bookstore, em Bar Harbor, não o tinha em *stock* e ela era demasiado tímida para pedir ao funcionário que o encomendasse. Dina não lhe daria o número de um cartão de crédito para que pudesse comprá-lo pela Internet. Nunca quisera tanto alguma coisa. (Bem... pelo menos há muito tempo que não queria.)

Por isso, lá estava ela, na biblioteca, de joelhos entre os corredores estreitos de ficção, com três exemplares do romance, dois de capa mole e um de capa dura, na prateleira à sua frente. Já tinha levado o de capa dura duas vezes para casa, fora até ao balcão da receção e requisitara-o com o seu cartão de leitora. Desta vez, tirou os três livros da estante e sopesou-os numa mão. Tornou a guardar o de capa dura, fazendo-o deslizar para junto de *O Código Da Vinci*. O de capa mole mais recente, esse também regressou à prateleira.

O exemplar que enfiou no cós das calças de ganga estava velho e marcado, com as páginas amareladas e várias passagens sublinhadas a lápis. A encadernação barata, com a cola seca, estava a começar a separar-se das folhas. Se o incluíssem na venda anual da biblioteca, não o venderiam por mais de dez cêntimos. Ninguém, concluiu ela, daria pela falta daquele livro. Havia outros dois exemplares mais recentes disponíveis. Contudo, pouco tempo antes a biblioteca adquirira detetores magnéticos antirroubo e, vários meses antes, quatro voluntárias, senhoras de uma certa idade que se dedicavam apaixonadamente a tudo o que dissesse respeito à Biblioteca de Spruce Harbor, haviam passado semanas a instalá-los nas guardas da totalidade dos onze mil livros ali existentes. Por isso, quando Molly saiu do edifício nesse dia, passando por aquilo que não tinha sequer percebido ser um alarme antirroubo, um apito ruidoso e persistente chamou a diretora da biblioteca, Susan Leblanc, que ocorreu à chamada com a precisão de um pombo-correio.

Molly confessou de imediato – ou melhor, tentou alegar que a sua ideia era requisitá-lo, mas que se esquecera. Só que Susan LeBlanc não foi nessa.

– Por amor de Deus, não me insultes com uma mentira – disse ela. – Tenho andado de olho em ti. Bem me *parecia* que estavas a tramar alguma.

E que pena que as suas suspeitas se revelassem certas! Gostaria de ter ficado agradavelmente surpreendida, só por uma vez.

– Oh, merda. A sério? – suspira Jack.

A ver-se ao espelho, Molly passa o dedo pelos pendentes que tem no fio ao pescoço. Já não o usa com muita frequência mas, sempre que alguma coisa acontece e ela sabe que vai voltar a mudar de casa, põe-no. Comprou o fio num armazém, o Marden's, em Ellsworth, e enfiou-lhe aqueles três pendentes – um peixe *cloisonné* azul e verde, um corvo de peltre e um minúsculo urso castanho – que o pai lhe deu quando ela fez oito anos. Ele morreu umas semanas depois disso, tendo-se despistado sozinho quando acelerava pela I-95 numa noite gelada, após o que a mãe dela, com os seus vinte e três anos, caiu numa espiral depressiva da qual nunca recuperou. No aniversário seguinte, a mãe estava presa e ela já vivia com uma nova família. Os pendentes são tudo o que lhe resta do que em tempos foi a sua vida.

Jack é um rapaz à maneira. Mas ela tem estado a contar com isto. Por fim, como toda a gente – assistentes sociais, professores, famílias de acolhimento – ele há de se faltar, de se sentir traído, de chegar à conclusão de que Molly dá mais trabalho do que merece. Por mais que ela queira gostar dele, e que tenha conseguido fazê-lo acreditar que sim, na verdade nunca se permitiu tal coisa. Não se dá o caso de estar a fingir, não é bem isso, mas há uma parte de si que se contém sempre. Aprendeu que é capaz de controlar as emoções pensando na

sua cavidade peitoral como uma enorme caixa com um cadeado. Ela abre a caixa e enfia lá para dentro quaisquer sentimentos com que não consiga lidar, qualquer tristeza ou arrependimento que teime em existir, e depois tranca-a de novo.

Também Ralph tem tentado ver bondade nela. Está programado para isso; vê-a mesmo quando não existe. E, ainda que em parte Molly se sinta grata pela fé que ele deposita em si, não confia inteiramente nisso. Quase prefere a atitude de Dina, que não tenta ocultar as suas suspeitas. É mais fácil presumir que as pessoas nos querem mal do que ficar desapontado quando não correspondem às expectativas.

– *A Paixão de Jane Eyre*? – pergunta Jack.

– Que diferença faz?

– Eu podia ter-to comprado.

– Pois, agora já está.

Mesmo sabendo que se meteu num sarilho destes e que o mais provável será que a mandem embora, ela nunca pediria a Jack que lhe comprasse o livro. Se há uma coisa do sistema de acolhimento que ela deteste acima de todas as outras, é esta dependência de gente que mal se conhece, a vulnerabilidade perante os caprichos alheios. Teve de aprender a não esperar o que quer que seja, de quem quer que seja. Regra geral, os seus aniversários são esquecidos; nas épocas festivas, ela surge como um acréscimo de última hora. Tem de se valer do que recebe, e aquilo que recebe raramente é o que pede.

– És tão teimosa, porra! – exaspera-se Jack, como se adivinhasse os pensamentos dela. – Vê só as alhadas em que te metes.

Batem com força à porta de Molly. Ela encosta o telemóvel ao peito e observa a maçaneta a girar. Isso é outra coisa – não há fechadura, não há privacidade.

Dina espreita, com a boca pintada de cor-de-rosa contraída numa linha fina.

– Precisamos de ter uma conversa.

– Está bem. Deixa-me só desligar a chamada.

– Com quem estás a falar?

Molly hesita. Será que tem de responder? Oh, que se lixe.

– Com o Jack.

Dina faz um esgar.

– Despacha-te. Não temos a noite toda.

– Vou já. – Molly espera, de olhar inexpressivo fixo em Dina até que a cabeça desta desaparece por entre a porta e a ombreira, e depois volta a levar o telemóvel à orelha. – Está na altura de enfrentar o pelotão de fuzilamento.

– Não, não, espera – diz Jack. – Tenho uma ideia. É um bocado... maluca.

– O que é? – pergunta ela, desapegada. – Tenho de ir.

– Falei com a minha mãe...

– Jack, estás a falar a sério? Contaste-lhe? Ela já me odeia...

– Ena, espera, ouve-me só. Em primeiro lugar, ela não te odeia. E, em segundo, falou com a senhora para quem trabalha e parece que é possível fazeres lá as tuas horas.

– O quê?

– Pois.

– Mas... como?

– Bem, já sabes que a minha mãe é a pior governanta do mundo.

Molly adora a forma como ele diz isto – num tom factual, sem fazer o menor juízo de valor, como se estivesse simplesmente a informá-la de que a mãe é esquerdina.

– E a senhora quer limpar o sótão: está cheio de papéis e caixotes antigos, merdas dessas, o pior pesadelo da minha mãe.

E eu lembrei-me de que podiam deixar-te fazer isso. Aposto que ocupavas ali umas cinquenta horas, na boa.

– Espera lá... queres pôr-me a limpar o sótão de uma velhota?

– Pois. É mesmo a tua onda, não achas? Vá lá, eu sei que tu tens a mania da arrumação. Nem tentes negá-lo. As tuas coisas todas alinhadas na prateleira. Os teus papéis todos em pastas. E não tens os livros por ordem alfabética?

– Reparaste nisso?

– Conheço-te melhor do que julgas.

Molly tem de admitir que, por estranho que possa parecer, gosta de pôr as coisas em ordem. Na verdade, é um pouco obcecada com a arrumação. Muda de poiso com tanta frequência que aprendeu a cuidar dos poucos pertences. Mas não sabe o que pensar desta ideia. Sozinha e encafuada num sótão bafiento, um dia a seguir ao outro, a remexer no lixo de uma senhora qualquer?

Ainda assim... tendo em conta a alternativa...

– Ela quer conhecer-te – diz Jack.

– Quem?

– Chama-se Vivian Daly. A velhota. Quer que vás lá para...

– Uma entrevista. O que estás a dizer é que tenho de ir a uma entrevista com ela.

– Faz parte do acordo – afirma ele. – Estás disposta?

– Tenho alguma escolha?

– Claro que tens. Podes ir presa.

– Molly! – berra Dina, batendo de novo à porta. – Sai já do quarto!

– Está bem! – grita ela e, depois, a Jack, diz também:

– Está bem.

– Está bem o quê?

– Vou fazer isso. Vou encontrar-me com ela. Vou a essa *entrevista*.

– Boa – responde ele. – Oh e... se calhar era boa ideia vestires uma saia ou qualquer coisa assim... tu sabes. E se calhar tirares uns quantos brincos.

– E a argola do nariz?

– Eu adoro essa argola – diz ele. – Mas...

– Já percebi.

– É só para este primeiro encontro.

– Não faz mal. Olha... obrigada.

– Não me agradeças por ser egoísta – replica Jack. – Só quero que fiques por aqui durante mais algum tempo.

Quando Molly abre a porta do quarto e se depara com os rostos apreensivos e tensos de Dina e Ralph, sorri.

– Não têm de se preocupar. Já arranjei maneira de cumprir as minhas horas de serviço comunitário. – Dina lança um olhar a Ralph, com uma expressão que Molly reconhece depois de anos a interpretar pistas de pais de acolhimento. – Mas compreendo se quiserem que eu vá embora. Hei de arranjar outra coisa.

– Não queremos que vás embora – diz Ralph, ao mesmo tempo que Dina afirma:

– Precisamos de falar sobre isso.

Depois fitam-se um ao outro.

– Como queiram – diz Molly. – Se não resultar, não faz mal.

E, nesse momento, com uma bravata inspirada em Jack, não faz realmente mal. Se não funcionar, não funciona. Há muito que aprendeu que grande parte do sofrimento e da

traição que as outras pessoas passam a vida a recear, ela já enfrentou. O pai morto. A mãe passada dos carretos. Mandada de um lado para o outro e rejeitada vezes sem conta. E, não obstante, respira, dorme e cresce. Acorda todos os dias e veste-se. Por isso, quando diz que não faz mal, o que quer dizer é que sabe que é capaz de sobreviver a praticamente qualquer coisa. E agora, pela primeira vez que se lembra, há alguém a cuidar de si. (Qual é o problema dele, afinal?)

SPRUCE HARBOR, MAINE, 2011

Molly inspira fundo. A casa é maior do que tinha imaginado – um monólito branco da era vitoriana, com arabescos e persianas pretas. Pelo para-brisas, ela vê que se encontra num estado primoroso – não há indícios de tinta a pelar ou a apodrecer, o que significa que deve ter sido pintada recentemente. Não há dúvida de que a velhota emprega gente para cuidar constantemente da casa, um exército de abelhas-operárias ao serviço da rainha.

É uma manhã amena de abril. O terreno está esponjoso por causa da neve derretida e da chuva, mas trata-se de um daqueles dias raros, quase quentes, que prenunciam o verão que há de chegar. O céu exhibe um azul luminoso, com grandes nuvens fofas, como se fossem de lá. Parece que surgiram rebentos de crocos por todo o lado.

– Pronto – está Jack a dizer –, então é assim: Ela é uma senhora simpática, mas um bocado rígida. Sabes como é... não passa a vida a soltar gargalhadas. – Puxa o travão de mão e aperta o ombro de Molly. – Limita-te a acenar com a cabeça e a sorrir, que vai tudo correr bem.